

O HUMOR NA GUERRA COLONIAL: O JORNAL OS PROGRESSISTAS, DIRIGIDO POR SALGUEIRO MAIA NA GUINÉ

THE HUMOR IN THE COLONIAL WAR: THE NEWSPAPER OS PROGRESSISTAS, DIRECTED BY SALGUEIRO MAIA IN GUINEA

João Pedro Rosa Ferreira¹

 <https://orcid.org/0000-0003-0860-2471>

 <http://lattes.cnpq.br/7968461820931754>

Recebido em: 08 de maio de 2025.

Revisão final: 28 de junho de 2025.

Aprovado em: 16 de janeiro de 2026.

 <https://doi.org/10.46401/arec.2025.v17.23353>

¹ Bacharel em História pela Universidade de Lisboa. Mestre em História Política e Cultural pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) e doutor em História e Teoria das Ideias pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH). E-mail: jprosaferreira@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem por objeto o papel desempenhado por Fernando José Salgueiro Maia (1944-1992) enquanto diretor do periódico *Os Progressistas*, jornal da unidade militar que comandou na então Guiné Portuguesa (atual Guiné-Bissau) durante a guerra colonial. A fonte do artigo é o referido jornal, conservado na Biblioteca do Exército em Lisboa, e que até à data não fora objeto de pesquisa académica. O recorte temporal é o período da publicação do jornal, 1971-1973. O escopo da discussão é o lugar do humor em *Os Progressistas*, visando a hierarquia militar e o regime ditatorial em vigor em Portugal. A leitura desta publicação de uma unidade militar durante a guerra colonial permite acompanhar a evolução do pensamento do capitão Salgueiro Maia, ajudando a entender e contextualizar a ação que protagonizou a 25 de Abril de 1974, com o seu papel decisivo na Revolução dos Cravos.

PALAVRAS-CHAVE: guerra colonial, jornais militares, humor, *Os Progressistas*, Salgueiro Maia, Revolução dos Cravos em Portugal

ABSTRACT: This article focuses on the role played by Fernando José Salgueiro Maia (1944-1992) as editor of the newspaper *Os Progressistas*, a newspaper of the military unit he commanded in what was then Portuguese Guinea (now Guinea-Bissau) during the Portuguese colonial war in Africa. The source of the article is the aforementioned newspaper, kept in the Army Library in Lisbon, and which had not been the subject of academic research to date. The time frame is the period in which the newspaper was published, 1971-1973. The scope of the discussion is the place of humor in *Os Progressistas*, targeting the military hierarchy and the Portuguese dictatorship then in force. This newspaper published by a military unit during the colonial war gives testimony of the evolution of Captain Salgueiro Maia's thought, helping to understand and contextualize the action he led on April 25, 1974, with his decisive role in the Carnation Revolution.

KEYWORDS: Colonial war, military newspapers, humor, *Os Progressistas*, Salgueiro Maia, Carnation Revolution in Portugal

Introdução

Para os que o viram em ação naquela quinta-feira de há 51 anos e para todos os outros que só o conhecem das fotos, dos documentários televisivos, dos filmes, das estátuas ou dos livros (banda desenhada incluída), Fernando José Salgueiro Maia (1944-1992) foi o primeiro rosto do 25 de Abril. Mais do que isso: Salgueiro Maia é o eterno rosto da pureza dos ideais de liberdade da Revolução dos Cravos. Mas frases épicas como “Às vezes é preciso desobedecer” ou “Vamos acabar com o estado a que isto chegou” não surgiram por geração espontânea. A origem do pensamento por detrás da acção que viu nascer o “dia inicial inteiro e limpo” (ANDRESEN, 2015) encontramos-na na sua experiência concreta da guerra colonial em Moçambique (1967-1969) e na Guiné (1971-1973), plasmada nos editoriais, artigos ou notas de reflexão para o jornal que fundou e dirigiu em Bula. Não foi por acaso que escolheu para o jornal da sua unidade (como escolhera antes para a sua Companhia de Cavalaria 3420) um nome diferente do de todos os congéneres. Os Progressistas é um cabeçalho que vale por uma declaração de princípios e por todo um programa de intervenção cívica.

“Jornal do mato”

Os Progressistas, publicado num total de 41 números, entre 21 de Julho de 1972 e 24 de Março de 1973, teve como subtítulo desde o nº 1 até ao nº 13, de 24 de Janeiro de 1972, “Órgão de divulgação e cultura da Comp. Cav. 3420”. A partir do nº 14, de 9 de Fevereiro de 1972, até ao nº 41, mudou o subtítulo para “Quinzenário de divulgação, cultura e recreio”.

Como a generalidade dos jornais das unidades militares, também chamados “jornais de caserna” ou “jornais do mato”, era dactilografado em stencil e policopiado. Tinha o formato de uma folha A4 e cada edição era composta por 8 páginas, com excepção do nº 24, de 9 de Julho de 1972, número especial de aniversário, que teve 12 páginas. Até ao número 13 tinha apenas página de rosto. A partir do nº 14 passou a ter capa separada do miolo. Mais tarde passou a ter também contracapa ilustrada.

Os jornais das unidades, dirigidos pelos comandantes, produzidos pelos militares e circulando entre militares, tinham a particularidade de – ao contrário de toda a imprensa periódica legal da época – não estarem submetidos à censura. Isso criou, além do espírito de corpo, um espaço público com um nível de liberdade que é fundamental assinalar. José Manuel Tengarrinha sublinhou as suas características inovadoras e considerou-os “fontes de muito valor para o estudo da guerra colonial na perspectiva inabitual dos múltiplos aspectos da comunicação escrita periódica a partir das forças armadas portuguesas” (TENGARRINHA 2003, p. 17).

O director e a sua equipa

Além de director, Salgueiro Maia participou como colaborador em muitos números do jornal, assinados com o próprio nome, “Salgueiro Maia, Capitão de Cavalaria” (no primeiro número assinou “Cap. J. Maia” – J. de José, o seu segundo nome próprio), mas também com o pseudónimo “O Progressista-mor”. Foi também autor de peças não assinadas ou assinadas “Um progressista”. A atribuição de autoria justifica-se pelo tema e estilo do artigo e também pelo facto de o seu nome aparecer duas vezes, como director e como colaborador, na ficha técnica dos números em que isso aconteceu.

A equipa redactorial e de colaboradores de Os Progressistas incluiu 41 membros da companhia, ou seja, cerca de 27% dos efectivos. Destacaram-se, como editores, o alferes miliciano José Luís Mendonça, o 1º cabo Francisco Pouseiro, o furriel miliciano Eduardo Silva ou o soldado António Alvarenga. Entre os colaboradores, o mais assíduo foi, de longe, o soldado António J. Fernandes “Bigodes”, que após as primeiras colaborações passou a assinar apenas com a alcunha. Realce também para as colaborações do alferes capelão Antero Ferreira, do alferes Carlos Alberto Queiroz, dos sargentos António Beliz e Isidoro Carreteiro ou do soldado condutor Ilídio Nunes.

Os Progressistas para quê?

O editorial do nº 1 do jornal é o cartão de apresentação de Os Progressistas. Diz ao que vai, enunciando os seus objectivos, desde logo um muito prático: “Considerando que nem só de pão vive o homem, mas também do que a sua inteligência apreende através da leitura e dos conhecimentos adquiridos pela experiência... Considerando que nada há de mais prejudicial do que a tendência para a estagnação ou a perda do hábito de leitura...” Reafirma a qualidade comum de progressistas e diz o que pretende com o jornal: “... expressar as nossas alegrias, os nossos sentimentos, as nossas ideias... será a nossa fonte de inspiração” (Progressistas, 1, p. 1).

Daí a importância concedida à empatia, patente na publicação de textos significativos para os soldados, assinalando na secção “Efemérides” as datas dos aniversários de todos os militares da companhia, abrindo as páginas a poemas e prosas da autoria dos membros da mesma, sem olhar a postos – oficiais, sargentos e praças –, bem como a textos que de algum modo celebravam datas com significado: o Natal, o Ano Novo, o aniversário da chegada à Guiné.

Reflexões ético-filosóficas

Egoístas versus idealistas

Os editoriais e artigos de Salgueiro Maia permitem acompanhar a evolução de um pensamento humanista, idealista, porventura próximo da corrente filosófica do personalismo cristão. Nessas reflexões ético-filosóficas nota-se um crescendo de crítica social que progressivamente vai tomando contornos políticos, embora não evidenciem a adopção de uma linha ideológica clara.

Para este posicionamento crítico em relação à organização e funcionamento da sociedade, à hierarquia militar, à guerra e ao regime político vigente não foi certamente estranha a experiência acumulada na primeira comissão militar em Moçambique, em 1967-68, enquanto alferes integrado numa companhia de comandos que chegou a comandar (depois de tanto o comandante como o segundo comandante terem sido feridos em combate), nem o contacto directo com um meio universitário em efervescência, em plena crise académica de 1969, precisamente o ano em que começou a frequentar o curso de Antropologia no então ISCSPU (viria a licenciar-se em 1978).

Um exemplo é o artigo “Divagando”, assinado Salgueiro Maia, Cap. Cav., publicado a 24 de Agosto de 1971, onde pode ler-se: “É uma constante da sociedade actual, a falta de idealismo. Presentemente, tem-se como incentivo viver o mais comodamente possível, arriscando o menos possível. Deste modo, tudo o que envolve um sacrifício que não seja bem pago a curto prazo não tem adeptos, assim se justifica a actual falta de médicos, padres e Oficiais do Exército. Em resumo, cada vez há mais egoístas, cada vez há menos idealistas...” (Progressistas, 3, p. 6).

“O Cidadão”

Publicado um ano depois, no nº 26, de 9 de Agosto de 1972, o editorial “O Cidadão” é um dos textos mais representativos do pensamento de Salgueiro Maia.

Palavra bonita, que poucos interpretam no seu pleno significado...
 O cidadão é o indivíduo no gozo dos seus direitos cívicos e políticos.
 O cidadão, para além dos seus direitos, garantidos pela sociedade, tem também obrigações, que poucos exigem sejam cumpridas.
 O cidadão deve zelar pelos interesses da sociedade.
 Que cada um de nós seja um verdadeiro cidadão no cumprimento dos deveres e na vivência dos direitos (Progressistas, 26, p. 1).

As Forças Armadas

Um artigo cuja segunda parte foi publicada poucos dias depois de Salgueiro Maia ter sido ferido em combate, a 19 de Outubro de 1971, no decurso da Operação Rumo Direito I, é revelador da forma como concebe o papel das Forças Armadas:

“A horda nasce de um impulso biológico de afirmação ou de defesa e constitui-se ao sabor de sentimentos primários. As Forças armadas nascem da ideia de um serviço... Por isso as Forças Armadas entraram na guerra e logo a livram de ser o puro caos, a pura destruição sem lei. Levam para ela tudo quanto elas próprias são, ou seja, uma poderosa disciplina. Dão-lhe regras. Em resumo: Humanizam-na. ... não podendo acabar com elas [as guerras], foram a pouco e pouco limitando a sua fúria destruidora, humanizando os seus processos” (Progressistas, 6, p. 7).

“O soldado é um homem que aprende a fazer a guerra, que não tem medo de a travar, que, para o efeito, mobiliza todas as energias da sua inteligência e do seu físico: mas que, subjacente a tudo isso, tem o culto da paz, como, de resto, qualquer cidadão” (Progressistas, 7, p. 5)

“O Povo” segundo Eça

“O Povo” é um panfleto que testemunha o empenhamento cívico de Eça de Queirós do período da sua aproximação ao socialismo. Salgueiro Maia publicou-o no nº 36 de Os Progressistas, a 9 de Janeiro de 1973. O capitão apreciava este texto e tinha-o como referência a ponto de o ter emoldurado, tal como se encontra actualmente em exposição no museu que lhe foi dedicado na sua terra natal, Castelo de Vide, a Casa da Cidadania:

“... estes homens são o povo. Estes homens estão sob o peso do calor e do sol, transidos pelas chuvas, roídos de frio, descalços, mal nutridos; lavram a terra, revolvem-na, gastam a sua vida a sua força, para criar pão, o alimento de todos. Estes são o povo, e são os que nos alimentam... que nos vestem... que nos enriquecem... que nos defendem... É por isso que os que têm coração e alma, e amam a justiça, devem lutar e combater pelo Povo. E ainda que não sejam escutados têm na amizade dele uma consolação suprema” (Progressistas, 36, p. 2).

Cultura: da história e geografia à questão ambiental e às mudanças climáticas

A leitura de Os Progressistas permite acompanhar a evolução do pensamento de Salgueiro Maia, o amadurecimento da sua consciência cívica e política. É disso exemplo a publicação no jornal de artigos de filósofos e escritores famosos. O mais citado é, de longe, Sun Tzu, cuja Arte da Guerra é fonte abundante da secção “Pensamentos” ao longo de toda

a publicação. É também o caso de Ortega y Gasset, na edição de 9 de outubro de 1971: “De há um século a esta parte, padece a Europa de uma pernicioso propaganda de desprestígio da força (...) segundo a qual se tem conseguido impor à opinião pública europeia uma noção errada sobre o que é a força das armas. Apresentaram-na como coisa infra-humana, torpe resíduo da animalidade persistente no homem. Fez-se da força o contraposto [contraponto] do espírito ou, quando muito, uma manifestação espiritual de carácter inferior. [...] Medite-se um pouco na quantidade de sentimentos, de virtudes elevadíssimas, de golpes de génio, de energia vital que é preciso acumular para pôr em pé um bom Exército. Como nos negaremos a ver nele uma das mais maravilhosas criações da espiritualidade humana? A força das armas não é força bruta, mas força espiritual” (Progressistas, 6, pp. 2-3, excerto traduzido da primeira parte de *España Invertebrada*, de Ortega y Gasset). É também o caso do brigadeiro capelão-mor das Forças Armadas, bispo de Madarsuma, António (significativamente sem “Dom”) dos Reis Rodrigues, autor do editorial transcrito no nº 7, de 24 de Outubro de 1971, p.1. Ou ainda Elbert Hubbard, de quem, após a explicação do sentido da expressão “levar a carta a Garcia”, é citado um extenso trecho de *Uma Carta para Garcia* no nº 4, de 8 de Setembro de 1971, pp. 1-3.

Menos conhecidos é um autor como o pastor metodista e capelão do exército dos EUA Earl F. Stover², de quem é transcrito, a 24 de Janeiro de 1972, um texto revelador do sentir das messes de oficiais provavelmente em exércitos de todo o mundo, publicado na revista norte-americana *Army*: “Se acaba de assumir o comando, é-lhe necessário algum tempo para conhecer a sua unidade. Se comanda a unidade já há algum tempo, é altura de se ir embora. [...] Se chegou rapidamente aos postos superiores, é muito novo para a sua patente. Se foi promovido na sua altura normal, não é um génio. Se resolve pessoalmente todos os assuntos, devia delegar mais autoridade. Se delega a sua autoridade, não está para se ralar. [...] Se ouve a opinião dos seus oficiais e sargentos, deixa-se dominar pelos seus subordinados. Se discute as suas ideias, desencoraja-os dando-lhes um complexo de inferioridade. [...] Se poupa os homens, acostuma-os mal... Se é duro com eles, é um sádico. [...] Mas faço o que fizer nunca terá razão. É um milagre ainda estar na tropa. Devia ir-se embora enquanto ainda é tempo...” (Os Progressistas, 13, pp. 1-2).

A realidade da guerra, os seus paradoxos e o modo como influencia a sociedade e os comportamentos individuais ajuda a explicar a opção editorial de Salgueiro Maia ao incluir, a 9 de Janeiro de 1972, no primeiro número publicado após o seu regresso de licença, um texto da Antiguidade Clássica, “Proclamação de Lucius Emilius Paulus, cônsul romano, nomeado para conduzir a guerra contra os macedónios no ano 180 a. C.”, onde se afirma: “Eu não sou daqueles que os Chefes nunca devem ouvir conselhos [...]. Por conseguinte, se algum de vós se julga qualificado para dar conselhos respeitantes à guerra que vou conduzir e que pode ter

² Além de pastor e capelão, Stover foi historiador da assistência religiosa no exército dos EUA, autor de *From its European antecedents to 1791: the United States Army Chaplaincy* e *Up from Handymen: The United States Army Chaplaincy 1865-1920*. vol. 3. Published by Office of the Chief of Chaplains, Department of the Army, Washington DC, 1977.

vantagem pública, não deve negar o seu tributo à Nação, mas sim vir comigo para a Macedónia [...]” (Os Progressistas, 12, p. 1).

Abundam os “resumos históricos” e apontamentos geográficos e económicos sobre a Guiné (nº 6, 9 de Outubro de 1971, p. 6; nº 7, 24 de Outubro de 1971, pp. 3-4; nº 8, 9 de Novembro de 1971, pp. 2-3; nº 9, 24 de Novembro de 1971, pp. 4-5; nº 18, 9 de Abril de 1972, p. 1, adoptando a partir desta edição o título “A nossa Guiné” que retomará nos números seguintes); Angola (nº 27, 24 de Agosto de 1972, p. 1); S. Tomé e Príncipe (nº 28, 9 de Setembro de 1972, pp. 1-2); mas também de um país vizinho apoiante da guerrilha independentista, caso do Senegal (nº 12, 9 de Janeiro de 1972, pp. 3-4).

A história está também presente nos artigos dedicados a figuras como Camões - “IV Centenário da publicação de Os Lusíadas”, nº 24, 9 de Julho de 1972, pp. 2- 4, adaptação do soldado C.A.R. Nunes) ou Vasco da Gama e em apontamentos dispersos na secção “Efemérides”.

Merecem particular destaque dois artigos que evidenciam um grau de consciência cívica e sensibilidade a temas e problemas sociais pouco frequentes, para não dizer raros, na época. Um é o texto da autoria de uma pioneira do feminismo em Portugal, a advogada Elina Guimarães (1904-1991), mulher de Adelino da Palma Carlos, que seria o primeiro-ministro do 1º Governo provisório do regime democrático que Salgueiro Maia ajudou a instaurar: “A Arte de ser infeliz” (Nº 11, 24/12/1971, p. 3). O outro, publicado no último número de Os Progressistas, é um assinalável alerta para a questão ambiental e as mudanças climáticas, com o título: “A poluição da atmosfera e o aumento de dióxido de carbono poderão comprometer seriamente o equilíbrio climático da Terra” (nº 41, 24 de Março de 1973, p. 5), assinado pelo soldado “Bigodes” (António J. Fernandes).

Poesia

Da sensibilidade humanista e da aproximação ao ideário da liberdade é também testemunha a publicação do poema “Sacrifício”, do poeta e cantor brasileiro Vinicius de Moraes (Nº 12, 9/1/1972, p. 5). Entre os poetas consagrados presentes nas páginas de Os Progressistas destacam-se igualmente Rudyard Kipling (“Se”, nº 6, 9 de Outubro de 1971, p. 1. “If”, na versão original, Kipling 1910); José Régio (“O Caminho”, nº 4, 8 de Setembro de 1971, p. 6; António Aleixo (vários poemas, a começar por “Há luta por mil doutrinas...”, nº 4, 8 de Setembro de 1971, p. 6). Já dar à estampa o “Fado de Bula” (Nº 18, 9 de Abril de 1972, p. 6), atribuído nas páginas do jornal a “autor desconhecido”, equivale a um salto qualitativo no processo de afastamento do regime e de adesão gradual à contestação aos governantes e a um sistema político em que perdera a confiança.

O lugar do humor

O humor marca presença nas páginas de Os Progressistas desde o primeiro número, em que encontramos uma secção de “Anedotas”, sem ilustrações. No nº 3 aparecem os primeiros desenhos humorísticos, a seguir às palavras cruzadas. No nº 14, de 9 de fevereiro de 1972, aparece a secção “Ria conosco” e no nº 15, de 24/2/72, sob o título “Vamos Rir”, a pág.3 é toda ela consagrada ao humor – que vai ganhando progressivamente mais destaque até que na edição especial de aniversário, o nº 24, de 9 de Julho de 1972, ocupa várias páginas, sendo uma delas totalmente ilustrada: “3420 em festa”.

Das piadas de caserna à ironia

O conteúdo das “piadas de caserna” – por vezes apresentadas precisamente com esse título, tirado das populares Selecções do Reader’s Digest, cuja edição em português chegou a ser coordenada, a partir de Nova Iorque, pelo escritor José Rodrigues Miguéis – remete para um entretenimento típico do universo masculino da época, por vezes apimentado por anedotas machistas, com insinuações brejeiras e ilustrações de um erotismo ‘soft-core’, ao estilo do humorista José Vilhena. Que foi, como se sabe, o autor com mais obras proibidas pela censura do Estado Novo.

Mas o que faz a diferença no humor de Os Progressistas – e constitui uma espécie de assinatura de Salgueiro Maia – é o lugar ocupado pela ironia nas páginas do jornal. A começar pela curta publicada logo a 24 de Agosto de 1971, intitulada “Simples diferença”, a partir de uma conhecida boutade anticomunista: “Os comunistas comem o pequeno-almoço das crianças. Os fascistas comem as crianças ao pequeno-almoço” (Progressistas, 3, p. 7).

Exemplo de ironia é a desassombrada autocrítica no primeiro nº de Natal, a 24 de Dezembro de 1971, quando, ao fazer o balanço dos primeiros seis meses na Guiné, faz um retrato da evolução companhia e dos seus membros, sublinhando, num editorial assinado O Progressista-mor: “perdemos as penas de periquitos e alguns arranjam penugens de pavão e com o correr dos tempos mais aves raras teremos”.

Outro exemplo dessa ironia é o texto “Consequências do crescimento capilar não compensado pelo devido corte”, no nº 12, 9 de Janeiro de 1972. Entre essas consequências realça o

mau aspecto geral sob o ponto de vista estético-militar;... aumento de detritos e outras substâncias que, entrando em putrefacção, podem originar a formação de forças inimigas que, acoitadas na densa vegetação e com o apoio local, podem constituir grave perigo para a colectividade... aumento do déficit orçamental devido a maior despesa com shampoo ou sabão... formação de um excesso de volume de caixa bestuntal não permitindo a colocação do protector de cabeça da ordem... aumento da temperatura crítica craniana durante a elaboração do raciocínio (Progressistas, 12, p. 2).

Uma gralha “atrapalhadora”

Da ironia à sátira vai um passo que, pelo menos numa ocasião foi dado com recurso a uma oportuna e cirúrgica gralha ou erro dactilográfico. No nº 13, de 24 de Janeiro de 1972, um texto aparentemente anódino sobre uma peça de armamento transforma-se numa crítica contundente, ao transformar a Metralhadora Ligeira M/70 em Atrapalhadora...

Curiosamente, a crítica de Maia à condução da guerra em África passa também pela consciência, conforme explica nas suas memórias, da progressiva inferioridade do nosso equipamento face à maior qualidade e eficácia do armamento do inimigo, exemplificando com os lança-granadas RPG 2 e 7 e com a superioridade da espingarda automática Kalashnikov sobre a G3.

Ironia, sátira, sarcasmo, marcas de um humor que torna mais leve e, portanto, menos insuportável – “Em resumo, que a comissão não nos pese” (Um Progressista, Progressistas, Nº 35, 24 de Dezembro de 1972, p. 5) – o ambiente da vida no mato, mas que também leva os leitores, neste caso, os soldados, a pensar nas causas das coisas que acontecem.

Textos satíricos e subversivos

Ironia e sátira bem doseadas é o que voltamos a encontrar num texto aparentemente insólito, publicado no nº especial de aniversário, 9 de Julho de 1972 – certamente não por mera coincidência, escasso par de semanas antes da data marcada para a reeleição, por colégio eleitoral, do almirante Américo Tomás para um terceiro mandato como Presidente da República, ou, como costumavam dizer os jornais e a televisão, a “veneranda figura do chefe do Estado”. O texto tem um título que soa a apelo patriótico: “Às Urnas”, seguido de “Cumpra o seu dever de cidadão, vote no melhor”, para rematar com um iconoclástico “Vote no sr. Peter Pan”:

Fortaleça o patriotismo amolecido.

Tanto protege os da esquerda como os da direita [...]

Se Franco mandou erguer um monumento aos caídos, Peter Pan fez dos caídos um monumento.

Peter Pan está em verdadeira concorrência com a Margarina Vaqueiro, porque torna tudo mais apetitoso [era o jingle de um anúncio então muito em voga à Margarina Vaqueiro](Progressistas, 24, p. 5).

Se o apelo ao voto em Peter Pan era uma metáfora com alguma dose de provocação sobre a situação política portuguesa, que dizer da carga subversiva do texto bombástico publicado no nº 41, o último, a 24 de Março de 1973, com o título “Utilidades diferentes do material de campanha”:

Começando pela arma, a G-3, faz parte integrante do militar (por mim dispensava-a bem), é um elemento transportador de poeiras, não radioactivas mas minúsculas, terrosas, oriundas da picada.

Oxida com grande facilidade e por esse motivo é limpa com frequência (é o eras!). [...]

Quanto a granadas de morteiro, os meninos (Pop) poderiam usá-las presas com um cordãozinho muito pop, penduradas ao pescoço e num baile yé yé. (era aquele estrondo). [...]

Naquelas peças de teatro chatas, principalmente nas touradas (à portuguesa), o público para manifestar o seu agrado, em vez de mandar sapatos, almofadas, flores, chapéus, etc., mandava antes granadas de mão. Poderia não agradar muito, mas pelo menos manifestava-se mais ruidosamente.

Quando aquela pessoa que nos pede lume várias vezes, se torna chata, chata, chata, a gente dá-lhe então uma granada incendiária. Vocês querem apostar que ela nunca mais nos chateia? [...]

Vocês gostariam de provocar um desastre de automóvel espectacular?

Então coloquem um óbus (com uma granada de 45 kg), num cruzamento da baixa de Lisboa e depois digam o resultado. [...]

Você tem algum pomar? Cultiva melões e costuma ser assaltado de noite? Então coloque umas minas anti-pessoal, lá e vai ver como tudo isso acaba.

Quando você está atrasado para o trabalho, e desconfia que o seu autocarro virá cheio, coloque uma minas..... zinhas anti-carro no local onde ele passa, e vá de táxi, a pé, de metro, a cavalo, de eléctrico, de bicicleta, enfim, desenrasque-se (não fique é para ver o espectáculo). [...]

O seu vizinho costuma pisar o seu jardim?

Então meta-se dentro de um tanque M-47, ponha-o em andamento e, (vá lá, seja educado), pergunte ao seu vizinho, se pode passar por cima do jardim dele.

O AMIGO BIGODES SEMPRE AO DISPOR (Progressistas, 41, p. 1-2)

Não foi ainda possível apurar se este artigo assinado pelo soldado António J. Fernandes com o pseudónimo “O Bigodes” teve alguma relação, directa ou indirecta, com a interrupção da publicação do jornal cerca de dois meses antes da data marcada para o fim da comissão. É, contudo, impossível, lê-lo sem lembrar o capítulo “Crónica dos Cacimbados” dedicado por Salgueiro Maia, no seu livro de memórias póstumo – Capitão de Abril. Histórias da guerra do Ultramar e do 25 de abril. Depoimentos –, aos “cacimbados” ou “apanhados pelo clima”, um deles com o sugestivo subtítulo “O cacimbo não escolhia postos”. Nesses textos, Maia refere-se ao que testemunhou com respeito às alterações provocadas pelo stress de guerra na psicologia

e comportamento de vários camaradas de armas, tanto subordinados como superiores (MAIA, 1994, p. 13-29).

O momento de dizer não

O “Fado de Bula”, de autor desconhecido, publicado no nº 18, de 9 de abril de 1972, é uma versão soft de poemas como os do Cancioneiro do Niassa, que Salgueiro Maia trouxe de Moçambique. Aí figuram letras de canções como o “Fado de Mueda”. Já na Guiné, os militares acrescentaram “J. Cristo estou tão farto disto”, paródia da canção de Roberto Carlos Jesus Cristo, eu estou aqui, um êxito lançado em Dezembro de 1970. Ou ainda “Eu fui à Spínolândia”, versão do tema de José Afonso Os Bravos, adaptado da canção tradicional dos Açores Eu fui à terra do bravo.

O mais célebre tema do Cancioneiro do Niassa foi o “Hino do Lunho”, com música de Os Vampiros, de José Afonso. Tinha como refrão “Estou farto deles/ Estou farto deles/ Só mandam vir / E não fazem nada”. Conta Salgueiro Maia:

Por cantar esta canção num convívio com oficiais e sargentos, no ano de 1972, em Bula, foi-me levantado um auto de averiguações e conseqüente processo disciplinar por, no dizer dos participantes, “nunca terem visto tão injuriada a instituição militar”. Moral da história: era complicado dizer as verdades! (MAIA, 1994, p. 60)

Mordacidade contra a hierarquia

Em diferentes momentos, Salgueiro Maia recordou um incidente ocorrido no Dia da Cavalaria, comemorado em Bula a 21 de Julho de 1972, presidido pelo governador e comandante-chefe, general Spínola, acompanhado pelos oficiais do seu Estado-Maior. Quando, já depois da cerimónia, decorria o convívio a que se referiu, Maia fez questão de dirigir o coro que entoou o “Hino do Lunho”. Alguns oficiais – Spínola já não estava presente – saíram e manifestaram a sua indignação pelo atrevimento. O caso só não ganhou maior gravidade porque o oficial mais indignado era de patente igual, mas com menor antiguidade, a outro, que não se sentiu incomodado. Acabou tudo com uma chamada à presença do comandante em que, segundo a biografia de António Sousa Duarte, “Maia não se acanha e defende o espírito da iniciativa, que não pretendia ser ofensivo mas apenas mordaz” (DUARTE, 2022, p. 72. Ver também ROSADO, 2022, p. 55-56)

Epílogo: O “implicado”, de Guidage ao Largo do Carmo

Dois meses depois da publicação do último número de *Os Progressistas*, a comissão de serviço de Salgueiro Maia e da Companhia de Cavalaria 3420 na Guiné terminou. O relato está na primeira pessoa no capítulo “Crónica dos feitos por Guidage” de Capitão de Abril:

No dia 22 de Maio de 1973, a minha companhia tem tudo pronto para seguir o Cumoré com vista a regressar a Portugal. [...] Pelas 19 horas recebo uma chamada de Bissau que me informa ir receber uma mensagem ordenando que a nossa companhia não seguisse para o Cumoré, mas para outro lado, com vista a fazer uma operação de seis dias antes de embarcar. [...] Como eu previra, íamos seguir para Binta-Farim com vista a, com mais uma companhia de comandos, uma companhia de indígenas e outra companhia de atiradores de Farim, abrir o cerco a Guidage, ao mesmo tempo que os sitiados tentavam também abrir caminho. Pergunto: porquê a minha companhia, quando já tinha cumprido a comissão? A resposta deixa-me elucidado. Íamos nós por não haver mais ninguém, isto é, tudo o que estava disponível era o pessoal que ia regressar à metrópole e, de entre este, a nossa companhia, porque tinha tido bom comportamento em combate, “foi escolhida”. Isto é, se tivesse tido mau comportamento, vinha para o continente; como tinha tido bom comportamento, continuava na «guerra». Que melhor incentivo para a “vitória militar”?! (MAIA, 1994, p. 63-66).

A operação “de seis dias” prolongou a comissão por mais de quatro meses. Depois de cumprida a missão em Guidage, a coluna regressou a Bissau a 30 de Junho (CTIG 1973; Estado Maior do Exército 2015). A Companhia de Cavalaria 3420 só regressou da Guiné a 3 de Outubro de 1973. Não sem antes de, a 28 de Agosto, Salgueiro Maia ter assinado, em Bissau, a carta aprovada numa reunião de oficiais do quadro em protesto contra o decreto nº 353/73, sobre as carreiras dos oficiais do Exército. Essa carta é considerada o momento fundador do Movimento dos Capitães (GOIÁS, 2017, p. 100), futuro Movimento das Forças Armadas, autor colectivo do golpe militar que derrubou a ditadura.

Em conclusão, o estudo da ainda pouco conhecida faceta de Salgueiro Maia “jornalista” ajuda a conhecer as referências históricas e culturais – incluindo humorísticas – que permitem compreender e explicar a génese e evolução de um pensamento e de uma prática cívica e política que culminou naquilo que, com a reflexão proporcionada pelo recuo temporal, Maia viria a expor na “Crónica dos Feitos por Abril”, mais concretamente na descrição de “Como surgiram os ‘implicados’ no 25 de Abril”, no seu relato autobiográfico Capitão de Abril, publicado postumamente.

Depois de elencar exaustivamente as razões que o levaram a reconhecer que

Tendo consciência que a guerra era injusta e sem solução, que o regime era opressivo e sem capacidade de reconversão, que as Forças Armadas tinham conseguido o impossível para garantir ao Poder a capacidade de diálogo que ele recusava, só restava a sublevação (MAIA, 1994, p. 85),

conclui:

Farto de quase 50 anos de opressão
 – farto da incompetência,
 – farto de fabricar carne para canhão,
 – farto de ajudar meia dúzia de glutões a comer à conta do orçamento,
 – farto de “lutar” por causas perdidas,
 decidi dizer “Basta!” (MAIA, 1994, p. 86)

Salgueiro Maia estava, assim, “implicado” – termo que usa com indiferente carga irónica e humor autodepreciativo para se designar a si próprio e aos seus camaradas de armas³ – na conspiração que culminou no golpe que o levou na madrugada daquela quinta-feira, 25 de Abril de 1974, ao Terreiro do Paço e, horas depois, ao Largo do Carmo, para impor a rendição do chefe do Governo, Marcello Caetano, e a queda do regime.

Referências

MAIA, Fernando José Salgueiro (dir.). **Os Progressistas: Quinzenário de cultura e recreio da Companhia de Cavalaria 3420**. Bula, Guiné, 1971-1973. Disponível na Biblioteca do Exército, Lisboa. Coleção Periódicos BIBEX, Cota 35.418/BEH.

Bibliografia

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **25 de Abril**. In O Nome das Coisas. Lisboa: Assírio e Alvim, 2015.

CTIG. C CAV 3420 **História da Unidade**. Bissau: Comando Territorial Independente da Guiné. 1971-1973.

DUARTE, António de Sousa. **Salgueiro Maia: Um Homem da Liberdade**. Lisboa: Âncora, 2022.

³ E que viria a dar o título do filme biográfico ‘Salgueiro Maia – O Implicado’, realizado por Sérgio Graciano em 2022,

Estado Maior do Exército. **Comissão para o Estudo das Campanhas de África (1961-1974).** Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África 1961-1974. 6º Volume. Aspectos da Actividade Operacional. Tomo II Guiné. Livro III, Lisboa: CECA, 2015.

GOIÁS, Jorge Sales. **A Descolonização da Guiné-Bissau e o Movimento dos Capitães.** Lisboa: Colibri, 2017.

HUBBARD, Elbert. **Uma Carta para Garcia.** Famalicão: Editora Centro Atlântico, 2011.

KIPLING, Rudyard. **Rewards and Fairies.** New York: Doubleday, Page & Company, 1910.

MAIA, Salgueiro. Capitão de Abril. **Histórias da Guerra do Ultramar e do 25 de Abril.** Depoimentos. Lisboa: Editorial Notícias, 1994.

ORTEGA Y GASSET, José. **España Invertebrada.** Madrid: Alianza Editorial, 2006.

ROSADO, Moisés Cayetano. Salgueiro Maia. **Das Guerras em África à Revolução dos Cravos.** Lisboa: Colibri, 2022.

TENGARRINHA, José Manuel. Prefácio. In SOARES, Alberto Ribeiro (dir.). **Catálogo da Biblioteca do Exército.** Lisboa: Biblioteca do Exército, 2003.